

Construção de vínculo entre acadêmicas de medicina e puérperas em situação de marginalização: um relato de experiência

Building bonds between medical students and postpartum women in marginalized situations: an experience report

Gabriela Herani da Costa

Estudante de Medicina na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
gabiherani@icloud.com
ORCID: 0009-0000-4259-3973

Mônica das Graças de Azevedo

Professora da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
monica.azevedo@cienciasmedicasmg.edu.br
ORCID: 0000-0001-6717-007X

Isabela Mie Takeshita

Professora da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
isabelamie@gmail.com
ORCID: 0000-0002-1710-7555

Paula Pinho Corrêa

Estudante de Medicina na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
paulapcorr@gmail.com
ORCID: 0009-0001-3629-6881

Mariana Bomtempo Araujo

Estudante de Medicina na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
mariana.bomtempo@yahoo.com
ORCID: 0009-0000-9971-3745

Rafaela Siqueira Costa Schreck

Professora da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
rafaelaschreck@gmail.com
ORCID: 0000-0001-52513973

Marina Vilela Pires Coelho

Estudante de Medicina na Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
marinacoelho45@yahoo.com.br
ORCID: 0009-0001-0644-0870

RESUMO: *Introdução:* O consumo de álcool e drogas durante a gestação está associado a diversos fatores, dentre eles a carência familiar. A oportunidade de criação do próprio filho torna-se essencial para a motivação de abandono do vício em gestantes de vulnerabilidade social e usuárias de álcool e drogas. *Objetivos:* Analisar a importância de ações de humanização em saúde, através da escuta ativa, com um público de puérperas em uma casa de apoio. *Metodologia:* Identificação da demanda por acolhimento e informação, consequente criação de vínculo, realização de rodas de conversa, elaboração de panfletos informativos e conversas individuais com as puérperas. *Resultados:* Apresentação do grupo, rodas de conversas sobre métodos contraceptivos e ISTs, abuso de álcool e drogas, cuidados durante a maternidade e reunião de avaliação com as puérperas que foram abordadas. *Conclusão:* As rodas de conversa foram estratégias

importantes para promover a formação de vínculos através da escuta ativa e da relação humanizada entre puérperas e acadêmicas de medicina.

PALAVRAS-CHAVE: Puérperas, Vínculo, Humanização.

ABSTRACT: *Introduction:* The consumption of alcohol and drugs during pregnancy is associated with several factors, including family poverty. The opportunity to raise your child becomes essential to motivate socially vulnerable pregnant women and alcohol and drug users to abandon addiction. *Objectives:* Analyze the importance of humanization actions in health, through active listening with an audience of postpartum women in a support home. *Methodology:* Identification of the demand for reception and information, consequent creation of bonds, holding conversation circles, preparing informative pamphlets and individual conversations with postpartum women. *Results:* The group presentation, conversation circles about contraceptive methods and STIs, alcohol and drug abuse, maternity care and evaluation meetings with postpartum women covered. *Conclusion:* The conversation circles were important strategies to promote the formation of bonds, through active listening and a humanized relationship between postpartum women and medical students.

KEYWORDS: Postpartum Women, Bond, Humanization.

Introdução

O Relatório Mundial sobre Drogas de 2022, do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (UNODC-2022), mostra que cerca de 284 milhões de pessoas, na faixa etária entre 15 e 64 anos, usaram drogas em 2020, 26% a mais do que dez anos antes. Os números também preocupam no Brasil e, de acordo com o Ministério da Saúde, o Sistema Único de Saúde registrou 400,3 mil atendimentos a pessoas com transtornos mentais e comportamentais devido ao uso de drogas e álcool (Brasil, 2022).

Ainda que seja de menor prevalência o alcoolismo entre mulheres, quando comparadas aos homens, o tema é relevante, visto que o consumo abusivo e/ou a dependência do álcool trazem, reconhecidamente, inúmeras repercussões negativas sobre a saúde física e psíquica, e a vida social da mulher. Além disso, sabe-se que a maior parte das usuárias com vício estão em idade reprodutiva, tendo como consequência uma preocupante taxa de alcoolismo na gravidez, cujos efeitos, tanto para mãe quanto para o feto, são prejudiciais em muitos aspectos, podendo ser até mesmo fatais (Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime [UNODC], 2022).

O consumo de drogas ilícitas e álcool durante a gestação é um impasse de saúde pública, podendo ocasionar graves consequências para a mãe e para o feto.

Existem casos em que, ao descobrir a gravidez, a gestante não altera seus hábitos nocivos, os quais muitas vezes são motivados por questões financeiras, familiares, dificuldade de abandono do vício, facilidade de acesso às substâncias, violência e/ou problemas psicológicos (Silva et al., 2020). Ressalta-se que o alcoolismo em gestantes é um problema ainda maior, pois afeta o “binômio mãe-feto”, sendo consequências possíveis: o retardo na maturação do sistema nervoso central, prejuízo no crescimento fetal, insuficiência útero-placentária, letargia, ansiedade e irritabilidade na mãe (Pavesi et al., 2023).

Durante a gestação, é notório que o pré-natal constitui um momento da vida da mulher em que ela recebe apoio profissional enfermeiro-médico, possuindo, em média, seis consultas para acompanhamento do feto. Dessa forma, torna-se um momento oportuno para a detecção precoce de um possível distúrbio, sofrimento de violência e/ou uso de substâncias ilícitas pela mulher, proporcionando a implementação de estratégias que possam retirar a puérpera dessa situação prejudicial ao próprio bem-estar e do bom desenvolvimento de seu filho (Silva et al., 2020).

O alcoolismo na gravidez associa-se às más condições socioeconômicas, ao nível educacional baixo, à multiparidade, à idade superior a 25 anos e, concomitantemente, à desnutrição, às doenças infecciosas e ao uso de outras drogas. Diante desse cenário, é possível afirmar que, no universo feminino, houve um crescimento do consumo de drogas nos últimos anos, criando novos desafios à saúde materno-infantil, devido aos seus efeitos prejudiciais para ambas as vidas (Silva et al., 2020).

A vulnerabilidade social na estrutura familiar favorece o uso de tóxicos, uma vez que as puérperas, na tentativa de reduzir e suprimir o sentimento de desamparo, buscam escape na intoxicação química. Sendo assim, o uso de álcool e drogas entre as puérperas demanda novas estratégias para diminuição dessa questão, sendo necessário enfatizar que a oportunidade dessas mulheres criarem seus filhos constitui uma das poucas motivações para o abandono do vício, visto que tais gestantes já são muito marginalizadas pela sociedade (Silva et al., 2020).

Estudos demonstram que o uso de álcool e tabaco são fortes influências na utilização de outras drogas e que grávidas com dependência química têm menor participação em grupos de gestantes, baixa adesão ao pré-natal e apresentam maior risco de intercorrências materno-fetais. Ademais, uma grande parcela das puérperas dependentes químicas é consideradas, pela Justiça, incapazes de cuidar de crianças ou, até mesmo, podem abandoná-las (Kassada et al., 2013).

Em Belo Horizonte (MG), foi construída uma casa de apoio para moradia e acolhimento de mulheres com recém-nascidos em situação de vulnerabilidade – situação de rua, uso de álcool e drogas e/ou violência. O abrigo permite que as mulheres e seus filhos fiquem hospedados durante o tempo que for preciso, deixando-as tranquilas nesse período já dificultoso em um cenário de puerpério e “solidão”. Posto isso, estudos evidenciam que, entre as gestantes usuárias de drogas, o consumo de drogas diminui durante o 2º e 3º trimestres da gestação e aumenta imediatamente dentro de 1 a 2 meses pós-parto (Wu et al., 2020). Sendo assim, é notória a importância da permanência na casa, já que aumenta a probabilidade do abandono total da dependência de drogas (lícitas e ilícitas), pois dentro do abrigo as mulheres são proibidas de fazer uso.

O objetivo deste artigo é relatar a experiência de acadêmicas do curso de Medicina da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais, na cidade de Belo Horizonte, no projeto extensionista “Ser Mulher”, ressaltando a necessidade da humanização em saúde através da construção de vínculo e da escuta ativa, em um público de puérperas que vivenciaram situações adversas – como violência, vício em álcool e drogas, situação de rua – que atualmente moram em uma casa de apoio.

Fundamentação teórico-metodológica

Este trabalho aborda a experiência vivenciada por quatro extensionistas (acadêmicas de Medicina) da Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais em Belo Horizonte. A faculdade privada oferece a oportunidade de extensão acadêmica com foco na saúde da mulher em situação de vulnerabilidade social. Diante disso, houve um processo seletivo para formar o grupo de participantes do projeto, sendo este dividido em duas partes: preenchimento de formulário e entrevista com os discentes. Por fim, a seleção final dos participantes foi de 8 acadêmicos do curso de Medicina.

O Projeto de Extensão “Ser Mulher” foi realizado no segundo semestre do ano de 2023 em um abrigo de puérperas localizado na cidade de Belo Horizonte. A casa de apoio tem a finalidade de acolher mulheres, gestantes e mães com seus filhos, que foram expostas às situações de risco – violência, uso de álcool e drogas durante a gestação, situação de rua. A casa é composta por três quartos, os quais eram divididos pelas moradoras, uma sala de estar, dois banheiros, uma cozinha e uma área de lazer em contato com a natureza. Ademais, são ofertados serviços

de psicologia, disponíveis a qualquer momento, de medicina e enfermagem, pelo fácil acesso ao posto de saúde em frente à casa. Simultaneamente, as moradoras devem executar tarefas diárias, como limpeza da casa, jardinagem, cuidados com as roupas, entre outros, além de atividades opcionais de artesanato.

É válido observar que a moradia na casa de acolhimento possui regras. As mulheres não podem fazer uso de substâncias ilícitas, mas têm o conforto e a segurança de criar seus filhos. O projeto de extensão apresentou foco na atenção humanizada às moradoras do abrigo. As extensionistas notaram carência de informação, principalmente a respeito dos cuidados com as crianças e dos efeitos prejudiciais das drogas para o organismo. Além disso, é perceptível a carência de atenção, uma vez que anteriormente estavam em um contexto precário e sem estrutura; com isso, as acadêmicas identificaram a necessidade de prestar acolhimento para as moradoras.

As moradoras atuais em questão eram cinco mulheres, entre 21 e 38 anos, com diversas histórias de vida e em condições de vulnerabilidade social. Juntamente a elas, moram também seus filhos (cinco crianças). Concomitantemente, todas as mulheres moradoras da casa de apoio admitiram que um dos maiores motivos para a ida e a permanência na casa foi o medo de terem seus filhos retirados pela Justiça. Com isso, evidencia-se a importância do abrigo, uma vez que, além de promover uma melhora na qualidade de vida em comparação com a vida nas ruas (moradia, alimentação, segurança etc), é também um incentivador para cessar o uso de drogas ilícitas e álcool.

Diante disso, foram realizados cinco encontros, sendo um encontro a cada mês, com duração média de quatro horas e com aproximadamente cinco participantes, nos quais foram abordados os seguintes temas: métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), cuidados com o recém nascido, vacinação infantil, introdução alimentar e malefícios do uso de álcool e drogas. Ressalta-se que os temas foram escolhidos previamente pelas púerperas.

A didática utilizada para abordar todos os temas foi a realização de rodas de conversa. Dessa forma o conteúdo foi transmitido de forma interativa e foi possível identificar a compreensão das moradoras sobre o assunto. Segundo o estudo da revista “Research, Society and Development”, há evidência de que as rodas de conversa permitem conversação horizontalizada. O método proporciona e facilita a formação de alianças, vínculos e a sensação de diálogo entre iguais, além de permitir a discussão de evidências científicas de maneira acessível e coletiva. A metodologia parte do pressuposto de que as narrativas não são apenas o produto

de uma experiência individual, mas são construídas dialogicamente, utilizando as experiências compartilhadas por membros de um grupo. As rodas se efetivam como espaços de construção dialógica do conhecimento, promovendo discussões e momentos de negociação e não de normatização, de acolhimento e não de controle, o que foi favorável no contexto de vulnerabilidade encontrado no projeto de extensão, uma vez que promoveu a valorização dos saberes e permitiu a troca de capitais culturais, sendo relevante para as educadoras e as educandas (Moretti & Barcellos, 2020). Além disso, as alunas entregaram panfletos informativos, esclarecendo as dúvidas que foram surgindo ao longo das conversas.

Durante todos os encontros, houve acolhimento prestado pelas alunas, uma vez que foi identificada a necessidade da realização da escuta ativa acerca da vida pessoal das moradoras e do percurso até chegarem na casa, já que a maioria estava em contexto de vício em drogas e situação de rua. Desse modo, foi construída uma relação de confiança entre as extensionistas e as moradoras, os relatos foram espontâneos e não houve julgamento por parte das acadêmicas. Essa relação demonstra a importância da humanização em saúde: o vínculo é essencial para o cuidado do paciente como um todo, principalmente no que diz respeito à saúde mental. Consequentemente, as moradoras tiveram a liberdade de compartilhar suas vivências passadas e seus planos futuros após saírem da casa e as extensionistas prestaram auxílio psicológico para as moradoras através do apoio e da escuta.

Resultados e discussão

O primeiro encontro no projeto de extensão foi marcado pela apresentação das moradoras às alunas. Inicialmente, havia um planejamento mais rígido, com uma dinâmica de apresentação, o qual não pôde ser cumprido devido à rotina preestabelecida da casa. Diante disso, as estudantes adaptaram-se ao contexto e fizeram uma roda de conversa, na qual foram abordadas as trajetórias de vida das residentes. No início, havia muita timidez e um afastamento natural entre desconhecidas. Nesse contexto, buscou-se uma conversa que partia de perguntas mais gerais até as mais íntimas e, quando havia abertura, as moradoras falaram sobre a gravidez, o período que passaram na rua e o uso de drogas. Nesse dia, particularmente, duas moradoras se abriram mais. Além do vínculo que surgiu por meio da conversa, foi perceptível uma confiança e interação associada à abertura das mães em permitir que as alunas ajudassem com as crianças e brincassem com elas.

Um estudo da revista “Reports in Public Health” avaliou o uso de métodos contraceptivos entre as mulheres no Brasil. Os dados revelaram que mulheres em maior vulnerabilidade social apresentaram menor prevalência dos contraceptivos de longa duração. Além disso, mulheres mais jovens, nulíparas e sem cadastro em UBS apresentaram menor prevalência do uso de contraceptivos. Nesse contexto, que se assemelha ao de vulnerabilidade das mulheres do projeto, as estudantes decidiram que a contracepção seria o próximo tema abordado, pois a maioria das moradoras não queria mais ter filhos e não possuía muitas informações (Araújo et al., 2023).

Além disso, outro estudo, da revista “Journal of Family and Reproductive Health”, aponta que mulheres em vulnerabilidade intelectual possuem falta de conhecimento sobre o uso de contraceptivos e saúde sexual, resultando em violações dos seus direitos reprodutivos. As doenças sexualmente transmissíveis e o cancro do colo do útero são comuns entre esse público devido à sua vulnerabilidade ao abuso sexual. Ademais, elas enfrentam problemas com infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e rastreio do cancro devido a barreiras físicas para avaliação, baixo estatuto socioeconômico, problemas de comunicação médico-paciente e déficit de prestadores qualificados. Tudo isso ressalta a importância do tema escolhido para debate (Singh Shrestha et al., 2022).

Sendo assim, o segundo encontro teve como foco os métodos contraceptivos e as ISTs. As alunas levaram um dispositivo simulador da introdução do DIU em mulheres e exemplificaram para as moradoras como funciona. Houve uma discussão sobre qual o método adotado pelas residentes, o quanto de informação elas tinham sobre o assunto e quais suas dúvidas e receios. Posteriormente, os métodos foram explicados de maneira dinâmica em roda de conversa, de modo que a atenção não fosse dissipada. Ademais, destacou-se a relevância do preservativo não só na contracepção, mas também ao prevenir as ISTs. Muitas moradoras desconheciam a maioria das infecções, que foram expostas a partir de fotos e exemplificação da clínica dos pacientes, como recomendam Singh Shrestha et al. (2022) Houve um feedback positivo em relação ao conhecimento adquirido.

Nesse dia, além de abordar o tema associado à saúde, foi possível perceber a construção de vínculo através de pequenos gestos. As alunas, que já estavam mais próximas das crianças, levaram roupas para as mesmas. As moradoras fizeram questão de que as estudantes participassem do lanche da tarde e colorissem cadernos de desenho em conjunto, representando um espaço conquistado pela humanização e pelo vínculo, que auxiliou o andamento do projeto.

O terceiro encontro abordou os cuidados associados à maternidade, como banho, amamentação, vacinação, introdução alimentar e cuidados em geral. Houve uma discussão sobre o calendário vacinal, com ênfase, por exemplo, na imunização para meningite, pneumonia, varicela e poliomielite, utilizando imagens da clínica e das complicações em cada caso, com o objetivo de conscientizar sobre a relevância da vacinação. Esse tema gerou muitas dúvidas, e as mães mencionaram que ficavam muito receosas e preocupadas ao verem a agulha e todo o processo vacinal. Com isso, buscou-se conscientizar a partir da evidência científica de maneira didática e acessível.

No âmbito alimentar e da amamentação, ressaltou-se a importância do leite materno por conferir imunidade, vínculo, auxílio no desenvolvimento e crescimento da criança e foi citado que o ideal é que seja exclusivo até os seis meses do bebê. Os métodos de introdução alimentar como BLW foram abordados, assim como a importância de introduzir alimentos saudáveis e evitar industrializados. Ademais, falou-se sobre os cuidados no banho, como a temperatura da água, a disponibilidade dos materiais antes de levar a criança para a banheira, a proteção dos olhos e ouvidos, entre outros. A metodologia utilizada foi a roda de conversa com momento tira-dúvidas, método que mais se adequou ao contexto. Uma das moradoras afirmou que esse dia foi extremamente relevante e útil em sua rotina.

No terceiro encontro, foi possível analisar a evolução do vínculo através da humanização. Após a dinâmica prevista, uma das moradoras passou bastante tempo com as estudantes, contando detalhes de sua trajetória, exemplificando momentos de dor, agonia, medo, solidão e desespero. Nesse contexto, as alunas exercitaram a escuta qualificada e a comunicação não verbal ao tentar acolher os desabafos dessa residente. Houve um forte vínculo com o filho da moradora, as estudantes auxiliaram no banho, conheceram o quarto e as roupas dele a pedido da mãe. Nesse dia, para registrar uma aproximação tão importante, a moradora quis registrar com uma foto e agradeceu às estudantes por todo o trabalho realizado.

O quarto encontro foi direcionado para a abordagem do uso de álcool e drogas na vida das mulheres e mães. Nesse dia percebeu-se como foi importante a criação de vínculo antecedente, por meio da escuta ativa e da comunicação verbal e não verbal com as moradoras. Devido a isso, as residentes sentiram-se confortáveis para relatar situações extremas e delicadas em suas vidas, e a escuta as impactou positivamente. Além de detalhar alguns episódios associados ao álcool e às drogas, as mães falaram sobre como isso impactou na gravidez e na vida dos filhos ao nascerem e crescerem. Abordaram a necessidade e a força de vontade necessárias

para garantir um futuro para os filhos e desvencilhar-se do uso e abuso dessas substâncias, e como a maternidade alterou a visão delas. As estudantes ficaram satisfeitas por conseguirem o vínculo necessário para a abertura de temas tão delicados para essas mulheres.

O apoio familiar é um dos principais meios de transmissão de valores éticos, como a prevenção do uso de tóxicos. Nesse quesito, as acadêmicas de medicina perceberam, ao longo dos encontros no projeto de extensão, a importância da gestante poder criar seus filhos e ter estrutura disponível para isso. Desse modo, foi observado pelas extensionistas que, as puérperas, com o objetivo de conseguir proporcionar uma vida melhor e ter a oportunidade de criar seus filhos no abrigo, abandonaram os hábitos prejudiciais à saúde, com esforço e dificuldade, mas com muito propósito e motivação.

O quinto encontro foi a despedida das extensionistas e moradoras, então foi planejado um lanche com a entrega de presentes de natal das estudantes para os filhos das residentes, a partir de uma relação de afeto criada. Nesse dia, as moradoras agradeceram imensamente pelo trabalho realizado e uma delas afirmou que sentiria falta. Pediram para que fossem feitos registros fotográficos para que tal relação ficasse na memória. As extensionistas sentiram-se muito acolhidas e emocionadas com a despedida, sentindo também que haviam contribuído de alguma forma no contexto vulnerável dessas mulheres.

Dessa maneira, percebe-se que o método adotado de roda de conversa foi muito efetivo em um contexto de recém maternidade, no qual as mães provavelmente não poderiam apenas conversar com as acadêmicas, pois estariam sempre cuidando de seus filhos e afazeres. Houve a tentativa de adequar o projeto às condições encontradas, e o resultado foi muito positivo devido a formação de vínculo inicial, que levou a maiores possibilidades de confiança e abertura das moradoras.

A coleta dos resultados ocorreu de maneira anônima, com as moradoras escrevendo sua opinião sobre o projeto em papéis entregues anteriormente. Muitas citaram o quanto se sentiram acolhidas, escutadas e próximas às acadêmicas. Relataram que, a partir desse vínculo, puderam ter mais confiança em abordar assuntos vivenciados, podendo sanar dúvidas que seriam aplicadas na prática. Foi possível perceber, através do feedback das moradoras da casa, que a atividade realizada pelas acadêmicas foi positiva no processo de aprendizado relacionado à saúde.

Figuras 1 e 2: Produção própria das moradoras, que tiveram aula de pintura e artesanato.



Fonte: Imagens autorais.

Figura 3: Roupa confeccionada pela avó de uma extensionista que foi entregue como presente para as moradoras, simbolizando o vínculo.



Fonte: Imagem autoral.

Considerações finais

Durante o projeto, as acadêmicas tiveram a percepção da carência de informação e de acolhimento e que, muitas vezes, as puérperas só precisavam de alguém disponível para ouvir sua história. Tornou-se evidente a relevância da escuta ativa e da transmissão de informações às mulheres de uma forma interativa; essa relação humanizada foi possível através das rodas de conversa, tornando os encontros mais íntimos, e assim, foi possível conquistar a confiança das puérperas.

Portanto, o projeto de extensão “Ser Mulher” trouxe muitas contribuições para a formação acadêmica das extensionistas, como a escuta ativa, o modo de compartilhar informações em um cenário de carência e a criação de vínculos. Essas estratégias possuem grande relevância para o cuidado médico dos pacientes e não apenas da doença, de um modo humanizado que proporciona o melhor tratamento individualizado.

REFERÊNCIAS

Araújo, F. G., Abreu, M. N. S., & Felisbino-Mendes, M. S. (2023). Mix contraceptivo e fatores associados ao tipo de método usado pelas mulheres brasileiras: estudo transversal de base populacional. *Cadernos de Saúde Pública*, 39(8).

<https://doi.org/10.1590/0102-311xpt229322>.

Brasil. (2022). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Especializada à Saúde. Atendimento a pessoas com transtornos mentais por uso de álcool e drogas aumenta 12,4% no SUS.

<http://aps.saude.gov.br/noticia/15936>

Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime. (2022). Relatório Mundial sobre Drogas 2022 do UNODC destaca as tendências da pós-legalização da cannabis, os impactos ambientais das drogas ilícitas e o uso de drogas por mulheres e jovens.

<https://www.unodc.org/lpo-brazil/pt/frontpage/2022/06/relatorio-mundial-sobre-drogas-2022-do-unodc-destaca-as-tendencias-da-pos-legalizacao-da-cannabis-os-impactos-ambientais-das-drogas-ilicitas-e-o-uso-de-drogas-por-mulheres-e-jovens.html#:~:text=De%20ac>

Kassada, D. S., Marcon, S. S., Pagliarini, M. A., & Rossi, R. M. (2013). Prevalência do uso de drogas de abuso por gestantes. *Acta Paulista de Enfermagem*, 26(5), 467–471.

<https://doi.org/10.1590/s0103-21002013000500010>.

Moretti, M. M. S., & Barcellos, R. de A. (2020). Rodas de conversas como estratégia de educação permanente em saúde na construção de protocolo assistencial. *Research, Society and Development*, 9(8), e112985395.

<https://doi.org/10.33448/rsd-v9i8.5395>.

Pavesi, E., Amorim, M. V. da S., Boing, A. F., & Wagner, K. J. P. (2023). Influência do consumo de álcool e tabaco em desfechos maternos e perinatais de puérperas atendidas no Sistema Único de Saúde. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 23, e20220286.

<https://doi.org/10.1590/1806-9304202300000286>.

Silva, F. T. R. da, Fernandes, C. A. M., Tamais, M. L. B., Costa, A. B., & Melo, S. C. C. S. de. (2020). Prevalence and factors associated with the use of drugs of abuse by pregnant women. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, 20(4), 1101–1107.

<https://doi.org/10.1590/1806-93042020000400010>.

Singh Shrestha, P., Ishak, A., Maskey, U., Neupane, P., Sarwar, S., Desai, S., Naffa, F., Cuevas Lou, C. M., & Diaz-Miret, M. (2022). Challenges in Providing Reproductive and Gynecologic Care to Women with Intellectual Disabilities: A Review of Existing Literature. *Journal of Family & Reproductive Health*, 16(1), 9–15

<https://doi.org/10.18502/jfrh.v16i1.8589>.

Wu, Z. H., Wu, R., Brownell, E., Oncken, C., & Grady, J. (2020). Stress and Drug Use from Prepregnancy, During Pregnancy, to Postpartum. *Journal of Racial and Ethnic Health Disparities*, 8, 454–462.

<https://doi.org/10.1007/s40615-020-00802-x>.

♦ VOL. 13, 2025, ISSN:2318-2326. PUBLICAÇÃO CONTÍNUA.

Todos os textos publicados na Interfaces – Revista de Extensão da UFMG são regidos por licença Creative Commons CC By.

A Interfaces convida pesquisadoras e pesquisadores envolvidos em pesquisas, projetos e ações extensionistas a submeterem artigos e relatos de experiência para os próximos números.

Os textos deverão ser enviados através do nosso endereço na web. No site estão disponíveis as normas para publicação e outras informações sobre o projeto. Vale ressaltar que os autores poderão acompanhar todo o processo de submissão do material enviado através desse site e que o recebimento de submissões possui fluxo contínuo.

www.ufmg.br/revistainterfaces

Contato: revistainterfaces@proex.ufmg.br

